

EM TEMPOS DE INTENSAS DISPUTAS NEOLIBERAIS NO CAMPO DAS SUBJETIVIDADES, PODERIA A FORMAÇÃO SINDICAL SE CONFIGURAR COMO UM DOS CAMPOS DE BATALHA?

Célia C. Cappucci¹
Fábio de Oliveira²
Leonardo Rezende Farabotti³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma experiência formativa realizada com dirigentes sindicais do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC no ano de 2024 e analisá-la a partir de abordagens teóricas dissonantes do *mainstream* contemporâneo, tanto no campo da psicologia social quanto no da educação libertadora. A atividade é parte de um programa de longa duração que compreende os anos de 2024-2025 e a proposta foi observar a experiência a partir de elementos relacionados às trajetórias de vida e de militância dos trabalhadores dirigentes, bem como dos principais problemas enfrentados a partir do ponto de vista desse grupo de representantes. Alguns fios foram sendo tecidos com a contribuição das duas dimensões teóricas acima e, para tanto, elegeu-se o conceito de *saber operário*, a partir das abordagens de Ivar Oddone e de Paulo Freire, alicerçadas em críticas à visão hegemônica de manutenção do status quo, assumidas em seus respectivos campos, direcionadas à emancipação e à transformação das condições de trabalho, a partir do conhecimento produzido e assumido coletivamente pelos trabalhadores.

Palavras-chave: educação, formação sindical, psicologia social do trabalho, saber operário.

Introdução

1 Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

2 Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

3 Bacharel em Ciências do Trabalho pela Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

Parece haver, na atualidade, disputas bastante acirradas entre capital e trabalho pelo conhecimento dos trabalhadores, em diversos sentidos, desde a forma como é compreendido por empresários e trabalhadores, até a apropriação desse saber. A classe dominante utiliza-se do conhecimento produzido coletivamente pelos trabalhadores, valorizando sua participação com vistas a alcançar produtividade e qualidade dos produtos, dentro do espírito de aproveitamento máximo dos recursos.⁴ Tal entrega ao projeto empresarial via co-optação, no entanto, não se converte em maior equilíbrio de poder e assunção de controle, por parte dos trabalhadores, sobre o seu trabalho. Mantém-se a lógica da divisão do trabalho entre “quem pensa” e “quem executa”. Já entre os sindicatos e coletivos de trabalhadores, há os que resistem, a despeito do desmonte institucional e da desqualificação da representação dos trabalhadores pós reforma trabalhista. Promovem ações que visam a conscientização dos trabalhadores na direção da emancipação política, o que implica dar-se conta do conhecimento produzido coletivamente em seu protagonismo na materialização da riqueza produzida.

Este artigo propõe uma reflexão sobre alguns elementos da constituição do saber operário, especialmente dos processos subjetivos presentes em experiências formativas cujo foco são as experiências de classe, observadas na abordagem dos costumes, valores e no cotidiano das fábricas. Ao debruçar-se sobre a atividade realizada com dirigentes sindicais, a investigação passou a se orientar pela seguinte pergunta: *será que o espaço de formação pode se configurar como um lugar para questionar valores autoritários e construir novas subjetividades?* O presente estudo aproximou elementos da psicologia social do trabalho e da educação popular, tendo elencado alguns primeiros apontamentos sobre o tema: para que seja possível a observação da produção de reflexão crítica sobre a realidade é preciso que o processo em si faça sentido aos participantes e, para que isso aconteça, toda a trajetória formativa exige um diálogo permanente com as experiências vivenciadas pelo grupo. A compreensão de sua própria história, o reconhecimento dos processos na formação da classe trabalhadora, a observação do saber coletivo produzido em curso estarão vinculados a um fluxo direto e permanente dos saberes que advêm das experiências cotidianas, das histórias de vida e das trajetórias de trabalho e de militância. É nesse potente encontro que se materializa, ali no espaço de reflexão, a aproximação dessa memória coletiva da consolidação de um saber e de uma identidade operária.

Como as empresas se apresentam à sociedade e as contradições no cotidiano fabril: o que está em disputa

desafiador, tendo sofrido recentemente transformações que impactam a vida dos trabalhadores no cotidiano do trabalho, na forma como as relações vêm sendo construídas, na visão sobre as coletividades, assim como sobre os sonhos e as perspectivas de futuro da classe trabalhadora.

Com as propostas das novas formas de gestão – cujas características centrais passam por envolver os trabalhadores no projeto empresarial, a ideia de que cada funcionário seria uma espécie de unidade atomizada e as características desejadas passariam pela incorporação do imaginário em ser empresário de si mesmo –, percebe-se que, embora haja um lado sedutor, na experiência concreta os trabalhadores continuam sendo submetidos e pressionados a produzir mais e a manter a qualidade. No entanto, o controle outrora exercido através de relações autoritárias e hierarquizadas (como no modelo fordista⁵) ou através do estímulo à competição entre os colegas de trabalho nas células de produção (como no modelo toyotista⁶), hoje, na “indústria 4.0”, efetiva-se por meio da tecnologia e do autocontrole, o que dificulta ainda mais a identificação dos mecanismos de dominação.

Linhart⁷ considera a autonomia dos trabalhadores, presente na modernização das relações de trabalho, como ambivalente e contraditória. Há um processo de individualização, com estímulo a uma participação autônoma para garantir produtividade e eficácia. A empresa, então, mobiliza a subjetividade dos trabalhadores garantindo a confiança e aproximação necessárias para viabilizar o seu projeto, o que inviabiliza ou dificulta a formação de uma identidade coletiva. A demanda histórica por autonomia é, ao menos parcialmente, atendida pelos empresários, e isso acentua a crise dos coletivos. Os trabalhadores são cada vez mais responsabilizados, mas as estruturas de poder se mantêm divididas entre concepção e execução. O envolvimento dos trabalhadores na resolução de problemas, associado às limitações de poder, desencadeiam tensões e muitas exigências, tendo por consequência sofrimentos diversos.

A psicologia organizacional tradicional, de viés empresarial, pode ser utilizada como meio de dominação ideológica, já que tem se constituído como instrumento nas empresas para gerenciamento eficiente com foco no bem estar dos trabalhadores. Os estímulos à participação buscam fazer com que trabalhadores se sintam parte do processo, e incluí-los significa imputar res-

5 O fordismo é um sistema de produção em massa que se caracteriza por: gestão diferenciada do trabalho, produção em larga escala, linha de montagem semiautomática, trabalho especializado, gestão vertical e despótica. ANTUNES, R. *Adeus ao Trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 35

6 “O toyotismo é a “ideologia orgânica” do novo complexo de reestruturação produtiva do capital, que encontra nas novas tecnologias da informação e comunicação e no sócio-metabolismo da barbárie a materialidade sócio-técnica (e psicossocial) adequada à nova produção de mercadorias. Existe uma intensa sinergia entre inovações organizacionais, inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas, constituindo o novo empreendimento capitalista que coloca novos elementos para a luta de classes no século XXI. Esta é a marca da ‘cooperação complexa’ da nova produção do capital”. Alves, G. A. P. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 43.

7 LINHART, D. O indivíduo no centro da modernização das empresas: um reconhecimento esperado, mas perigoso. Tradução de: Maria Laetitia Corrêa e Fernando Fidalgo. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 7, p. 24-36, 2013.

ponsabilidades sobre o fracasso ou sucesso, sobre os níveis de dedicação ao trabalho e sobre a incorporação de valores.

Em contraponto, propomos aqui uma aproximação ao conceito de **saber operário**, a ser reconhecido como a outra face da disputa política estabelecida entre capital e trabalho. Se, por um lado, tem-se a captura de conhecimento pelos gestores visando envolvimento para aumento de produtividade e lucro, por outro lado, temos a possibilidade de resistência e de contraposição. Trabalhadores conscientes de seus conhecimentos sobre o trabalho, das formas perspicazes na criação de alternativas para a implementação de projetos que precisam ir além do que está prescrito⁸, podem promover reflexão sobre as tensões presentes no cotidiano das fábricas.

Embora sempre tenha havido disputa pelo saber operário, isso parece estar mais marcado nos últimos tempos. As empresas têm a proposta de apropriar-se do conhecimento dos trabalhadores para o aumento de produtividade, e isso vem sendo oferecido como convite à participação. O movimento dos trabalhadores, por seu turno, procura, através das experiências na fábrica e na militância, desenvolver-se criticamente e envolver mais trabalhadores no processo de conscientização de classe. Esse esforço se dá em cenário inóspito e controverso sobre a percepção das pessoas a respeito de o que é ser trabalhador, sob a influência ideológica na vida para além do trabalho e sob fortes ataques aos sindicatos.

Assim, procuramos refletir sobre os sentidos de atividades formativas realizadas por metodologias libertárias em contexto cultural profundamente influenciado pelo neoliberalismo, e questionamos se poderiam ser consideradas capazes de produzir novas práxis⁹. Procuramos traçar, também, possíveis caminhos entre formação sindical e psicologia do trabalho ainda não explorados.

No campo da aproximação entre a psicologia do trabalho e os sindicatos, observam-se pontos de conexão, especialmente por via da saúde dos trabalhadores, mas talvez exista ainda uma lacuna no aproveitamento da fértil discussão teórica propiciada por esse diálogo. Um primeiro elemento de análise é a perspectiva pela qual o trabalho e a subjetividade são apreendidos. O trabalho como atividade humana implica transformação da natureza e criação teleológica. Ao utilizar-se da matéria prima e planejar de forma abstrata o projeto a ser realizado, o ser humano também se modifica. Coloca naquele objeto um pouco de si e, ao fazê-lo, metamorfoseia-se, numa relação dialética. Partindo deste pressuposto, tem-se como prerrogativa que os processos de interação e de produção de novas subjetividades estejam vinculados ao trabalho. Quando, porém, o trabalho assume as características do trabalho assalariado, observam-se consequências que impactam a vida dos trabalhadores. Isso se dá pela limitação e pela falta de autonomia em relação ao ritmo, o não domínio

8 ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. **Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2023. (Série Conhecimento e Experiência do Trabalho)

9 FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

do processo, pelo estranhamento e alienação em relação ao produto que se produz, enfim, o não controle sobre o trabalho.¹⁰

A experiência formativa retratada a seguir permitiu uma aproximação dessa realidade concreta do trabalho através dos representantes de trabalhadores nas fábricas e uma análise sobre os desafios para os trabalhadores, especialmente em relação a disputas contra-hegemônicas. Trata-se de um curso para dirigentes sindicais ministrado pelo departamento de formação do sindicato dos metalúrgicos do ABC, que tem por fio condutor realçar as trajetórias de vida e de militância dos integrantes e relacioná-las à formação da classe operária do ABC Paulista. Diz respeito a uma pequena fração de trabalhadores que, em sua maioria, têm origem migrante e, ao virem para o ABC, incorporaram costumes e hábitos, tanto nos bairros, quanto nas fábricas, relacionados a determinada cultura político-sindical. São sujeitos que trazem em si, nas trajetórias de vida e história coletiva, ambiguidades originadas pela naturalização em torno do trabalho assalariado e as marcas de uma sociedade desigual e violenta, cujas raízes autoritárias remontam ao patriarcalismo, ao racismo e tantas outras formas de violência.

Mas são, também, portadores da luta contra as injustiças e da busca por mudanças. Mergulhados em dilemas existenciais, conservadorismo moral, forjados por tradições familiares em que a ética do trabalho e os valores autoritários norteiam suas vidas, refletem uma parcela deste país, forjados a partir de construção cultural do que viria a ser o trabalhador assalariado, já que o trabalho era associado ao trabalho escravo, necessitando ser ressignificado. No Brasil, segundo Nardi¹¹, isso se deu mediante uma vinculação da moral dos costumes e da família. Observa-se um cenário em que trabalhadores são enredados numa trama que envolve sedução e exploração, dificultando a compreensão da realidade de forma crítica. Em outra dimensão, tem-se configurado o esforço de segmentos da classe trabalhadora que assumem a tarefa de desvelar e explicitar os mecanismos de envolvimento, mas se veem também emaranhados na mesma trama, lutando permanentemente contra investidas ideológicas. A formação de dirigentes sindicais, nesse sentido, pode configurar-se como importante espaço de reflexão-ação, em que se identifiquem valores incorporados que não representam a classe, mas sim, a validação e manutenção do *status quo*, o que nos remete ao saber operário.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores sentem-se mais satisfeitos e envolvidos nos projetos empresariais, assumindo, por vezes, o autocontrole, identificam os problemas no ambiente de trabalho e as limitações nas resoluções. Há, neste sentido, uma distância entre a idealização do trabalhador mais

EM TEMPOS DE INTENSAS
DISPUTAS NEOLIBERAIS
NO CAMPO DAS
SUBJETIVIDADES, PODERIA
A FORMAÇÃO SINDICAL
SE CONFIGURAR COMO
UM DOS CAMPOS DE
BATALHA?

10 SILVA, E. S. Saúde mental e trabalho: o caso dos profissionais de ensino. In: LIMA, C. F. et. al. (Org.). **Seminários: trabalho e saúde dos professores, precarização, adoecimento e caminhos para a mudança.** Brasília: Fundacentro, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

11 NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006

individualizado como livre e autônomo e uma dura realidade cotidiana, que, por vezes, adoece, justamente por que o que se revela é verdadeiramente o “não controle” sobre o trabalho. Para além disso, há uma crescente cultura de desvalorização da organização coletiva, o que pode ser considerado um agravante na resolução dos problemas.

A construção da subjetividade e a concepção de coletividade: a psicologia social do trabalho

A psicologia social do trabalho (PST) dedica-se a compreender as relações do ser humano com o ambiente de trabalho em toda sua complexidade, envolvendo organização, tarefas, modos de produção, possíveis impactos na saúde mental dos trabalhadores e nos processos de subjetivação. Considera que qualquer ação é sempre política, contra a ideia de neutralidade científica, assim como contra a “psicologização das relações de trabalho” (que significa compreender os fenômenos relacionados ao trabalho como fatores psicológicos).

Há uma longa tradição de atuação da psicologia social crítica por meio de iniciativas de pesquisa, enquetes, formações e discussões sobre saúde dos trabalhadores, por exemplo, em que profissionais caminham ao lado de trabalhadores procurando desvendar as artimanhas do capital na tentativa de cooperação e envolvimento de seus corações e mentes.

Para Oddone, importante referência na psicologia social do trabalho¹², em especial na saúde dos trabalhadores, o conceito de “saber operário” diz respeito às experiências e aos conhecimentos dos trabalhadores desenvolvidos coletivamente a partir das atividades laborais concretas no esforço de tornar o trabalho realizável.¹³ Trata-se de conhecimentos relacionados à prática cotidiana, à materialidade, que envolvem aspectos técnicos, mas também a percepção sobre a estrutura social. Toda sorte de adaptações feitas pelos trabalhadores para a realização das tarefas, para além do que está prescrito, reflete esse tipo de habilidade no ajuste ao real. Para Oddone, portanto, a divisão do trabalho (em que o planejamento está dissociado da execução) e a consequente desqualificação desse conhecimento empírico omitem e desapropriam aquilo que deveria ser reconhecido como próprio desta experiência coletiva de trocas e de confronto com a realidade.

Com o modelo toyotista, tem-se o reconhecimento parcial e circunscrito desses saberes, mas eles apenas aparentemente serão valorizados, através de estímulos à participação. As sugestões permanecerão nesse lugar de participação criativa, individual, para uma solução específica. Além disso, será mantida

12 ODDONE I.; RE, A.; BRIANTE, G. Op. cit.

13 CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Vozes, 2006. SCHWARTZ, Y. Conhecer e estudar o trabalho. **Trabalho & Educação**, 24(3), 83-89, 2016.

a distância entre o conhecimento teórico e o conhecimento prático, desvalorizando sua importância. Dessa forma, as empresas passam a se apropriar desse saber, sem valorizá-lo em sua plenitude, dificultando assim que os trabalhadores reconheçam sua identidade e seu lugar de classe.

Considerando as relações de trabalho no capitalismo, a psicologia social do trabalho¹⁴ assume uma perspectiva crítica. Toma como ponto de partida o olhar e a necessidade dos trabalhadores para observar as condições de trabalho, tornando a saúde dos trabalhadores uma dimensão fundamental. Por sua atuação crítica em relação à psicologia organizacional (cujo foco é o gerenciamento e o capital em diálogo com a administração e a engenharia), a PST aproxima-se das organizações dos trabalhadores, como sindicatos e organizações sociais, uma vez que parte da percepção dos trabalhadores sobre suas condições concretas de existência, em especial as condições vividas no trabalho, numa perspectiva de transformação social. Opõe-se à visão hegemônica na área, cuja premissa é a da adaptação do indivíduo à realidade vivida.

Em estudo realizado com psicólogas organizacionais¹⁵, Pereira observa a tendência de tentar criar condições para que o trabalhador possa lidar com ambientes estressantes, o que, em certa medida, contribui para a naturalização das condições de trabalho inadequadas geradoras de estresse. Quando os esforços nesse sentido adaptativo não funcionam, a responsabilidade recai sobre o trabalhador, que passa a ser visto como caso excepcional, a ser tratado fora da empresa por profissional da área, tendendo, desta forma, a individualizar e “psicologizar” o problema. O psicólogo acaba por focar-se no tratamento individual, desviando da origem coletiva dos problemas. No sentido oposto, a PST busca compreender os fenômenos criticamente, a partir da ótica dos trabalhadores, enfatizando as condições de trabalho adoecedoras. Tal premissa considera que a alienação inerente ao trabalho assalariado gera sofrimento e, por essa razão, objetiva a transformação do ambiente de trabalho a partir do processo de emancipação dos trabalhadores numa perspectiva coletiva.

Os dirigentes sindicais têm contato com equipes de recursos humanos e treinamento nas empresas que, em geral, são compostas por psicólogos. Em certa medida, identificam a atuação “tendenciosa” destes profissionais na defesa de interesses da empresa, mas parece haver um duplo movimento: há a percepção de que aqueles profissionais estão a serviço do capital, mas também de que representam o saber científico, via discurso da competência¹⁶, com força política de convencimento, o que dificulta, assim, um posicionamento mais crítico à psicologia hegemônica por parte dos trabalhadores.

14 BERNARDO, M. H.; OLIVEIRA, F. de; SOUZA, H. A. de; SOUSA, C. C. de. Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 34, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7484>. Acesso em: 2 mar. 2025.

15 PEREIRA, M. de S. **As concepções sobre saúde do trabalhador, as práticas profissionais e o contexto de atuação de psicólogos organizacionais**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.47.2015.tde-03062015-162321. Acesso em: 01 mar. 2025.

16 CHAUI, M. de S. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997.

A experiência formativa, socialização e aprendizado nas vivências do cotidiano: educação libertária em Paulo Freire

Observando-se os fenômenos relacionados à experiência formativa no campo sindical, parece saltar aos olhos uma primeira dimensão: os diversos contatos entre as áreas de conhecimento, que tornam maleáveis as fronteiras entre uma área de conhecimento e outra, o que já nos indica a presença de uma das matrizes orientadoras da filosofia freiriana, a interdisciplinaridade.

Tanto a educação libertadora quanto a psicologia social do trabalho, campos teóricos que balizaram as leituras feitas no presente artigo, assumem propostas críticas e contestam a visão hegemônica em suas respectivas áreas. Sua percepção da realidade se orienta pela prática e pela experiência dos trabalhadores para, a partir daí, explorar as contradições existentes, já que parte do que é vivido dificilmente é acessado a olhos nus, por questões ideológicas. Conhecer a si e ao outro, para essas áreas, assume um caráter processual, histórico e coletivo, que se desenvolve a partir de configurações e reconfigurações dialéticas. Assim, tanto para Oddone quanto para Paulo Freire, o conhecimento dos trabalhadores, construído a partir de sua prática cotidiana, deve ser reconhecido. A partir do senso comum, há uma ampliação para a apropriação do saber acumulado historicamente pela humanidade. Freire considera que os seres humanos são seres incompletos, que aprendem e constroem conhecimentos coletivamente, que podem “ser mais”, na perspectiva de seres emancipados e livres. Diferentemente da visão liberal, entende-se que tal processo se dá na relação com os outros, pois se trata de um processo coletivo. Enquanto um autor explora a metodologia no campo da educação, o outro observa esses fenômenos na fábrica.

Ao propor tais referenciais teóricos, temos por objetivo reconhecer a atividade formativa a partir desses dois prismas que, ao conceberem o saber operário, têm similaridades na maneira como percebem elementos da conscientização dos trabalhadores, da valorização do conhecimento coletivo e da investigação das contradições vividas em seu cotidiano. As duas vertentes consideram que a transformação da sociedade se dará a partir da libertação dos trabalhadores e do questionamento das relações de poder existentes, buscando relações simétricas, de diálogo, e lutando contra as injustiças sociais através de participação. Os autores compartilham a visão de que o saber operário e a educação devem ser ferramentas de resistência e transformação, promovendo a autonomia e a conscientização dos trabalhadores em sua luta por justiça social.

no trabalho, sendo o mesmo compreendido a partir de uma perspectiva concreta e histórica, em que são consideradas as relações de poder e os valores que permeiam as interações, tanto nos elementos cotidianos, quanto na estrutura macrosocial. A psicologia, nessa vertente, é crítica à psicologização (tendência em que se explicam os fenômenos apenas pelos processos psicológicos) e propõe, em vez disso, que o fenômeno psicológico assume características psicológicas de ação e consciência a partir de dada realidade concreta, histórica e social.

Investigar as práticas cotidianas dos trabalhadores, na fábrica, a partir das experiências relatadas nos cursos, permite conhecer os processos de subjetividade que se constroem através da cultura coletiva.

O **saber operário** considera que os conhecimentos adquiridos pelos trabalhadores na experiência vivida ultrapassam meras habilidades técnicas. A leitura do contexto, que para Freire seria a “leitura do mundo”, permite-lhes desenvolver a compreensão do campo econômico e social. Esse saber pode conduzir à conscientização crítica da realidade e desdobrar-se em resistência, reivindicação de direitos e transformação das condições de trabalho e da sociedade em última instância, quando assumida a identidade coletiva.

O atual plano de formação do SMABC

Uma das características estruturais dos metalúrgicos do ABC refere-se à organização no local de trabalho. Essa prática teve origem no contexto das grandes greves ocorridas entre 1978 e 1980, período em que trabalhadores politicamente organizados passaram a constituir representações sindicais no interior das fábricas, embora tais iniciativas não fossem formalmente reconhecidas pelas empresas. Ao longo do tempo, houve o reconhecimento progressivo da atuação sindical e instituíram-se, a partir do III congresso da categoria, os comitês sindicais de empresa (CSE). A partir daí, nasceu também a necessidade de que os dirigentes de base fossem preparados para sua tarefa e, desde então, são elaborados programas de formação para dirigentes sindicais a cada nova gestão eleita.

A experiência estudada diz respeito à programação de formação para CSE, referente à gestão da diretoria eleita para o mandato 2023-2026¹⁸. Em 2023, foi realizado um Plano de Formação no SMABC, com diretrizes que buscam atingir um **objetivo central** em que os dirigentes devessem ser capazes de:

2018.

18 O diretor de formação, Luiz Carlos da Silva Dias, compôs o coletivo de formação com dirigentes-educadores que atuavam na fábrica e na formação sindical há alguns anos. Sua experiência contribuiu para a implementação de um projeto que procurou aprofundar a prática freiriana, orientação teórica que fundamenta historicamente as propostas formativas do sindicato, segundo a equipe de formação.

se reconhecer como agente de transformação, tendo o domínio sobre o campo de disputa entre capital e trabalho e da estrutura sindical em que atua, assim como, da importância do CSE na construção da democracia.¹⁹

As estratégias que seriam desenvolvidas pelo departamento de formação deveriam: “focar na formação de dirigentes sindicais; realizar pesquisa com integrantes do CSE para ouvi-los sobre suas demandas e necessidades; elaborar projeto integrado e formação processual de longa duração”.²⁰

A pesquisa ocorreu em 2023, através de questionário do Google Forms, tendo atingido 125 membros que compõem a diretoria plena. Apreende-se, a partir de documentos disponibilizados pelo departamento, que os resultados dessa enquête sinalizam para um eixo fundamental:

a necessidade de que se resgate o significado político da organização no local de trabalho, para o fortalecimento dos comitês sindicais de empresa, como expressão de contrapoder e democratização das relações de trabalho.²¹

A pesquisa indicou a necessidade de recuperação da importância política desta proposta de organização na base, atuando no chão de fábrica para um diálogo permanente com os trabalhadores e a instituição de processo de negociação permanente na fábrica. As práticas estariam mais pragmáticas, guiadas por necessidades urgentes. As perguntas relacionavam-se ao i) perfil deste coletivo; ii) seu papel como dirigente; iii) problemas enfrentados na fábrica; iv) temas e conteúdos a serem abordados pela formação sindical.

Entre os principais dados obtidos na pesquisa estão: o perfil dos 125 dirigentes é constituído predominantemente por homens brancos, heterossexuais, casados, com filhos, com uma média de idade que varia entre 41 e 55 anos, com ensino médio e superior completo. Apenas 8,8% dos dirigentes são mulheres. Além de Metalúrgicos do SMABC, Sorocaba e Cajamar, o curso contou com a participação de dirigentes do setor de alimentação de Mogi-Guaçu e funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Quando perguntados sobre o significado de “ser dirigente”, a resposta-síntese que expressa a forma como a maioria dos respondentes percebe seu papel, segundo os educadores, foi: “ser dirigente é ser a voz dos trabalhadores e trabalhadoras na defesa de seus interesses, atuando contra a injustiça social e produzindo coletivamente a luta de classes”²².

19 SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. Departamento de Formação. Projeto de Formação do SMA-BC: Gestão 2023-2026. São Bernardo do Campo, 2024. 33 p. Documento de Elaboração de Projeto. [Acesso Restrito].

20 Ibidem.

21 Ibidem.

22 SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. Pesquisa com Dirigentes 2023. São Bernardo do Campo,

Entre os problemas indicados, estão a influência das redes sociais na difusão de notícias falsas e o processo de despolitização dos trabalhadores. Relacionam o processo de despolitização com o excesso e a rapidez com que as notícias falsas circulam na fábrica. Também apontam dificuldades de envolver os trabalhadores nos problemas e de levar aos trabalhadores a visão do Sindicato. Esse ciclo vicioso se retroalimenta, podendo gerar enfraquecimento sindical e inibição das possibilidades de atração de novos militantes. A partir dos dados da pesquisa, o departamento elaborou um programa cujo elemento norteador foi a retomada do significado político da organização no local de trabalho (OLP), em especial dos comitês sindicais de empresa (CSE). Segundo relatório do departamento de formação, na experiência realizada em 2024²³, foram resgatadas as trajetórias de vida com o sentido de buscar elementos da memória coletiva na constituição da cultura operária no ABC Paulista.

A aula inaugural do projeto de formação 2024-2025 para dirigentes e trabalhadores desenvolveu o tema “Fake news e a crise da democracia”, com o professor Sérgio Amadeu, da UFABC. O início do processo formativo focou em reflexão sobre a identidade operária e nos valores que guiam a luta de classes, tendo nas ideias de Thompson²⁴ a referência teórica e metodológica, no sentido de dar voz aos trabalhadores e à história a partir dos “de baixo”. Realizaram entrevistas em que deveriam estar presentes as dores, riquezas e contradições da formação da classe operária, a partir de sua infância, relações familiares, escola, formação para o trabalho, as primeiras experiências como trabalhadores assalariados e como militantes. Para os educadores, esse percurso permitiu perceber as particularidades e também os elementos do cotidiano que forjam a classe, que a unem.

O roteiro utilizado para as entrevistas partiu das seguintes questões: i) perguntas relacionadas à infância, relações familiares, regras, tipos de violência, lembranças; ii) sobre a relação com os estudos, trajetórias, experiências, diálogo, matérias de preferência, formação para o trabalho; iii) lugar em que nasceram, se houve ou não processo migratório, como foram estes processos; iv) casamento, relação com amigos; v) trajetória para o trabalho, militância. Revelam-se dados que foram sintetizados desta forma pelo departamento de formação:

Apesar das nuances e peculiaridades de cada história de vida, há muitos elementos que se entrelaçam e desenham o lugar ocupado por estes trabalhadores em sociedade. Filhos de pedreiros, domésticas, metalúrgicos, entre outras funções que revelam profissões consideradas não qualificadas, tendo sido

2023. 35 p. [Acesso restrito].

23 SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. Relatório do Depto. de Formação. Memória parcial do Curso de Dirigentes do SMABC. São Bernardo do Campo: SMABC, 2024. [Inédito].

24 THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v. A obra é a principal referência para a metodologia da “história vista de baixo”, que busca resgatar a experiência histórica dos trabalhadores em sua própria formação como classe social.

iniciados no trabalho ainda crianças, ou muito jovens, acompanhando os pais no trabalho na lavoura, no geral, mas também em funções informais na cidade grande.²⁵

Tanto no que se refere a dificuldades em estudar, quanto sobre os impactos dos processos migratórios, os problemas enfrentados pelas gerações são muito semelhantes:

No geral, os educandos, assim como seus pais, enfrentaram problemas ao longo da escolarização, mas, diferente deles, conseguiram seguir com os estudos, mesmo que tardiamente. A realidade da migração na vida deste grupo é bastante presente. Relatam infâncias duras, permeadas por fome, dificuldades financeiras, adaptação a novas cidades, outras formas de morar e viver. E o processo de migração se apresenta como uma necessidade para melhoria de vida: “lá no Nordeste não tinha recursos, não tinha água encanada, luz elétrica. meus pais buscavam esta melhora na vida”; “estudei até a quarta série no Nordeste, Ceará. Aqui em São Paulo, fiz fundamental, migrei com 15 anos para São Paulo”; “sempre temos saudade da terra da gente, não que tenha vontade de voltar”; “cresci, me casei aqui, conquistei muitas coisas boas aqui”.²⁶

E, sobre a marca autoritária que perpassa as gerações, o relatório aponta:

As relações entre pais e filhos são traduzidas pelos educandos como bastante autoritárias, mas vistas como necessárias, em certa medida. A intenção seria a de manter os filhos no “bom caminho”, permitindo assim, vidas melhores com menos dificuldades econômicas e sociais. Havia situações mais dramáticas com pais alcoólatras, e muita violência física com as esposas e filhos. Mas em boa medida, a rigidez no tratamento com os filhos foi o que lhes permitiu serem quem são hoje, na sua percepção. Há uma associação entre relações autoritárias, cuidado, transmissão de valores como a ética do trabalho, e controle necessário para sobrevivência (fuga da marginalidade). Para além da rigidez, descreviam afetividade e solidariedade, especialmente por parte de mães e irmãos: “minha mãe mais humana, meu pai cobrava muito”; “éramos em seis irmãos muito unidos, tinha mais inocência do que hoje”; o cuidado entre os irmãos bastante presente como recurso necessário para a sobrevivência: “entre os meus irmãos eles me respeitam como se eu fosse a mãe”; e sobre a disciplina: “eu era disciplinado

25 SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. Relatório do Depto. de Formação. Memória parcial do Curso de Dirigentes do SMABC. São Bernardo do Campo: SMABC, 2024. [Inédito].

26 Ibidem.

para corresponder ao desejo de meu pai”.²⁷

EM TEMPOS DE INTENSAS
DISPUTAS NEOLIBERAIS
NO CAMPO DAS
SUBJETIVIDADES, PODERIA
A FORMAÇÃO SINDICAL
SE CONFIGURAR COMO
UM DOS CAMPOS DE
BATALHA?

As marcas culturais que compõem os estilos de vida desses dirigentes sindicais os aproximam da geração anterior, responsável pelas grandes manifestações por um novo sindicalismo, o que parece garantir a percepção de transmissão de bastão político entre essas gerações. No entanto, eles se veem como se estivessem “em extinção”. Sentem-se destoar da maioria dos trabalhadores que estão na fábrica.

Relembaram a entrada na fábrica e na militância, e os motivos para uma atuação política. O destaque diz respeito à inconformidade com injustiças acontecidas na fábrica, em situações diversas como: situações de greve, acidentes, demissões e a própria exploração vivida: “eu percebi que a fábrica explorava muito”; “eu deixei de ser submissa na fábrica como eu era”; “frequentava o sindicato com meus pais”; “eu achava que era ruim me aproximar do sindicato, de me prejudicar na fábrica, hoje a minha imagem sobre o sindicato é outra a gente consegue conquistar coisas para os trabalhadores, é muito aprendizado”.²⁸

A importância da participação coletiva para mudar situações injustas foi sendo construída gradativamente e, aos poucos, se consolidou na assunção da proposta para participarem de eleições em que pleiteiam o cargo de dirigentes sindicais.

Ao observar os jogos de poder no capitalismo nos dias atuais, Nardi dá relevo à questão da disciplina no trabalho como instrumento da dominação. Não apenas em seu aspecto inibitório, mas sim como um processo em que os sujeitos vão sendo posicionados para produzir mais. A ética do trabalho, para o autor, estará submetida a um código moral vinculado a um determinado período e suas demandas específicas. A depender das formas de gestão e da cultura, serão outros elementos a compor o código moral. Isso não significa que não haverá uma contraofensiva por parte dos trabalhadores. Há resistência e os sindicatos são os grandes protagonistas dela no século XX. Para que seja possível a transformação, no entanto, é preciso repensar os processos sociais em que são naturalizadas formas de vida em sociedade e que garantem a dominação. Os jogos de poder podem mudar quando suas regras são pressionadas a partir das contradições e observadas as construções e processos ao longo da história.

REVISTA CIÊNCIAS DO TRABALHO Nº 28
NOVEMBRO DE 2025

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

Os jogos de poder e de verdade presentes nas relações de trabalho se modificaram na reordenação do capitalismo na atual fase da acumulação flexível no contexto da globalização e da abertura dos mercados. Segundo Michaud (2000, p. 36), a genealogia dos modos de subjetivação contemporâneos aponta para o surgimento de um sujeito sobre o qual se exerce uma dupla pressão, ou seja, por um lado, a individualização liberal e, por outro, a totalização disciplina.²⁹

O curso teve como proposta o resgate da memória dos dirigentes e a investigação da realidade das fábricas. O presente estudo limitou-se à primeira parte.

O saber e as percepções sobre o conhecimento em disputa

Entre as disputas das construções subjetivas permeadas por valores, há uma dimensão que merece atenção especial: a do conhecimento e do uso e compreensão que têm sido feitos desse saber operário. A aproximação do saber pela experiência vivida e de vertentes teóricas críticas parece ser uma importante estratégia para fortalecer os espaços de contrapoder, sendo a sala de aula das formações em sindicatos um deles.

Oddone³⁰ propunha um trabalho compartilhado por “operários, dirigentes sindicais, médicos e psicólogos” compondo uma “comunidade científica ampliada”, porque acreditava que, mais do que um problema técnico, a saúde dos trabalhadores é uma questão política, portanto, exigiria o envolvimento de “múltiplas vozes”. Na mesma direção, Freire considerava que educadores e educandos ocupam importante papel nas mudanças em relação à opressão e à dominação.

Considerações finais

A integração entre a psicologia social do trabalho, a educação libertadora e o movimento sindical constitui importante instrumento para avanço no sentido da conscientização e da mudança. Pensar as estruturas de disciplinamento, os condicionamentos e o mascaramento da realidade pode implicar em fértil processo de emancipação. Os trabalhadores resistem, cada um a seu modo, mas as lutas coletivas são vistas como descartáveis pela grande maioria. A influência subjetiva e cultural sobre as formas de ser, pensar e viver em socie-

²⁹ NARDI, H. C. Op. cit., p. 26-27.

³⁰ ODDONE I.; RE, A.; BRIANTE, G. Op. cit.

dade está cada vez mais difícil de ser identificada, necessitando uma combinação de estratégias. Os dirigentes sindicais, pesquisadores, entre outros ativistas, simbolizam agentes que seguem resistindo e se inspirando mutuamente pela via da formação sindical, apesar de todos os percalços em tempos tão nebulosos. Os questionários utilizados na experiência representam interessante atualização de antigas estratégias. Ouvir os trabalhadores e, ao mesmo tempo, provocá-los a pensar sobre sua própria realidade, como Marx fazia nas enquetes³¹, parece ser mais uma mostra de que o desejo de escutar, estimular a reflexão e elaborar juntos os caminhos continua sendo uma boa e velha fórmula.

EM TEMPOS DE INTENSAS
DISPUTAS NEOLIBERAIS
NO CAMPO DAS
SUBJETIVIDADES, PODERIA
A FORMAÇÃO SINDICAL
SE CONFIGURAR COMO
UM DOS CAMPOS DE
BATALHA?

³¹ALVES, J. C. L.; JACKSON, J. M. Trabalho, saúde e formação política na enquête operária de Marx. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 13–31, jan. 2017. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00044>